

PARA ALÉM DAS JANELAS DO VOYEUR: O HOMOERÓTICO BRASILEIRO A PARTIR DE ALAIR GOMES

Paulo Farias Júnior¹
Prof. Dr. Jorge Luís P. Rodrigues | Caê²

Resumo: A inquietação sobre os percursos da arte homoerótica na sociedade pós-moderna a partir do trabalho do artista Alair Gomes são o principal norte desta pesquisa. Um artista que fez uma arte polêmica, de reconhecimento internacional, mas com pouca relevância nos salões de arte brasileiros. A produção é de uma arte explicitamente homoerótica, que explora o corpo masculino em todas as suas partes, onde a ausência total de roupas vira apenas um mero detalhe. Alair Gomes, um grande pesquisador do corpo masculino, foi assinado por um de seus modelos e sua obra enfrentou um grande percurso até chegar ao acervo da Biblioteca Nacional, onde, ainda hoje, diversas inquietações, resquícios e inspirações de seu trabalho ainda perpassam nas fotografias contemporâneas que, mesmo após 25 anos de sua morte, conseguem transcender o tempo e o espaço. A fotografia homoerótica masculina entra em um processo de reinvenção onde, na contemporaneidade, a chamada “era das nudes” cria uma nova perspectiva sobre a produção homoerótica, aportando novos aplicativos que permitem a troca de mensagens e imagens, empregando um resquício amador e imediatista na exploração do corpo. Neste processo, surgem novos fotógrafos que se dedicam a fotografar modelos dentro de ensaios que problematizam as questões de gênero, corpo e sexualidade. Desta maneira, este trabalho busca investigar as questões pertinentes a produção estética homoerótica a partir dos anos 1970, tendo como ponto de partida as obras de Alair Gomes e o desenvolvimento do homoerótico masculino na atualidade.

Palavras-chave: Alair Gomes, Homoerótico, Fotografia.

Um voyeur em Ipanema: Alair Gomes e a fotografia homoerótica nos anos 60/70/80

Fotógrafo, crítico de arte, pesquisador, engenheiro, homossexual e *voyeur*. Alair Gomes foi um homem de multifacetas que permitiam experimentar a inteligência e prazer. Aline Ferreira Gomes (2010), ao apresentar um trecho da biografia do artista, destaca que

“Alair Gomes nasceu na cidade de Valença (RJ) em 1921 e em 1992 morre aos 71 anos. Formado em Engenharia Civil e Elétrica, abandona a profissão em 1948, para dedicar-se à crítica de arte, ao estudo da filosofia e da ciência. De 1962 e 1963 foi professor visitante de Filosofia da Ciência na Universidade de Yale nos Estados Unidos. Entre 1977 e 1979 foi coordenador da área de fotografia e professor de Fotografia e Cinema da Escola de Artes Visuais do Parque Lage no Rio de Janeiro. Ensaísta, colaborou com publicações especializadas em ciências, arte e cultura. Dedicou-se à fotografia a

¹ Graduando do curso de Bacharel em Produção Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/ IFRJ. paulofariasjunior@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense / UFF, Professor do curso de Produção Cultural do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro/IFRJ e orientador do artigo. cae_rodrigues@globo.com.

partir de 1960, produzindo imagens do carnaval carioca, espetáculos teatrais, eventos esportivos, viagens e imagens de caráter autobiográfico.” (GOMES, p. 13, 2010)

Sua produção foi constituída de maneira crescente, onde a fotografa começou a



Fig. 1. Alair Gomes, *The course of the sun*, 1977-1980 (fotografia, 24 x 18 cm) / Divulgação

tomar maior tempo em suas atividades, passando de um hobby para objeto de todos os seus estudos, essa conexão com a fotografia desenvolvida pelo artista toma boa parte de sua produção intelectual nos últimos 20 anos de sua vida, criando uma refinada obra, que abordam temas que perpassam pelo carnaval até a botânica, sempre exaltando um viés erótico. Aline Ferreira Gomes (2010) ainda complementa que

“A fotografia [...] foi a manifestação artística de maior expressão na trajetória de Alair Gomes. Ele próprio afirma que a fotografia inicialmente era uma atividade de complementação ao trabalho textual, mas a sua preocupação em organizar e classificar metodicamente toda sua obra desmente a ideia da fotografia apenas como um complemento ao trabalho textual.” (GOMES, p. 13. 2010)

Todavia, limitar o trabalho do artista apenas ao viés homoerótico é esquecer-se da riqueza de outras fotografias suas que exploram movimentos sociais, esculturas e plantas. Seu belíssimo trabalho feito no Sítio Roberto Burle Marx, na cidade do Rio de Janeiro, encomendado pelo próprio arquiteto-paisagista, transborda delicadeza ao mesmo tempo em não se desprende de visão erótica, evidente em boa parte das obras realizadas.

Chiodetto, em seu catálogo da exposição *Young Male*, nos diz que a obsessão pelo corpo viril, jovem e belo exerceu grande influência sobre a obra de Alair, criando estratégias de linguagem únicas e pessoais, conciliando uma compulsão pessoal com uma leitura de mundo diferenciada, sendo estudadas e, posteriormente, legitimadas por instituições como o MoMa, que adquiriu obras do artista. (CHIODETTO, p. 2, 2016)

Complementando, Gomes (2010) ressalta que “as imagens de Alair se ocupam do corpo masculino extensivamente. Elas confirmam sua obsessão pelo corpo, pelo erotismo e pelo homem.” (GOMES, p. 13, 2010)

Estas inquietações sobre o papel do corpo homoerótico na arte e a visibilidade deste segmento artístico na sociedade, criam inquietações, principalmente no que tange a obra do artista supracitado. É notável que durante um período de tempo seu trabalho foi desvalorizando, uma vez que a própria coleção do artista foi doada pelo desinteresse de seus herdeiros após sua morte, sendo recusada como acervo para reserva técnica em diversas de instituições. Estas fotografias foram para a Fundação Biblioteca Nacional, onde permanece o maior acervo do artista.

“Corpo moreno, sarado, gostoso, da cor do pecado”³: arquétipos de um corpo tropical.

É necessário enxergar o nicho homoerótico masculino da fotografia fora de um eixo apenas sexual, compreendendo os múltiplos aspectos culturais e sociais que envolvem a construção do elemento fotográfico, uma vez que, segundo Cüller (1999, p. 49):

“[...] o projeto dos estudos culturais é compreender o funcionamento da cultura, particularmente no mundo moderno: como as produções culturais operam e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para indivíduos e grupos, num mundo de comunidades diversas e misturadas, de poder do Estado, indústrias da mídia e corporações multinacionais.” (CULLER, 1999, p. 49).

Ao pensar sobre as questões que tangem uma construção do belo e de padrões do corpo masculino, é preciso refletir sobre os pontos que participam deste processo, como a própria construção da masculinidade, uma vez que “o quadro ideal de masculinidade articula a imagem de um sujeito central que deve se distinguir socialmente por uma série de evidências biológicas e culturais” (ARAGÃO, 2013).

Observar fotografias ou pinturas homoeróticas, assim como peças de marketing que exibem o corpo masculino dentro de um “padrão” de beleza, remetem a uma construção histórica do belo e da masculinidade que, segundo Aragão, “Tem sido a retórica de um projeto de provedor-protetor-potente, uma masculinidade que cultiva num personagem vigoroso e resistente a diferença de gênero baseada na relação de um corpo forte com outro submisso.” (ARAGÃO, p. 341, 2013).

A corporalidade do homem dos trópicos possui padrões que estão ligados a virilidade, ao desejo e a sexualidade. Essa construção é parte de um processo baseado na visão eurocêntrica do corpo e exaltada pela mídia, que exacerba um arquétipo corporal

³ Trecho da música “Da cor do pecado” de autoria de Sorocaba

latino e negro como um objeto sexual, bem como Figari (2007) afirma que “a apresentação da alteridade sexualizada e racializada, torna-se assim o mecanismo simbólico, prático discursivo para certa economia política de produção da sujeição nos corpos e na estrutura social”. (FIGARI, p.15, 2007)

Em pesquisa⁴ realizada pela rede de televisões BBC, é possível constatar o impacto destes arquétipos na prostituição masculina na Europa: os homens brasileiros dominam o ramo de prostituição, movidos por um mercado fetichista que absorve de maneira recorrente o homem dos trópicos em contrapartida aos próprios europeus. O papel da imagem, do corpo e da sexualidade ocupam um papel importante na estética de Alair Gomes. O artista explora, da janela de sua casa, os mais diversos corpos que passeiam pela praia de Ipanema, capturando a essência de toda as questões já levantadas e registrando toda a efervescência sexual nas mais diversas situações criadas involuntariamente. São registradas mais que situações corriqueiras, mas toda a essência das ações que foram exercidas.

Observar estas questões pertinentes a visão homoerótica pulsante nas obras de Alair, com ênfase no homem dos trópicos, é colocar em pauta não apenas a arte homoerótica, mas os próprios conceitos de arte e sexualidade. Explorar o corpo homoerótico masculino brasileiro é trazer para discussão a própria essência desse “belo” padrão, uma vez que a reprodução da masculinidade dentro das fotografias, aliadas a um protótipo de beleza, cria arquétipos visuais que constroem um imaginário de ideal artístico, mas que permeia as questões midiáticas e culturais. Greiner discorre que

“Corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação.” (GREINER, 2005, p.131)

Este corpo brasileiro transforma-se no objeto de estudo de diversos fotógrafos contemporâneos, que desconstroem todos estes arquétipos e reconstroem, como ensaios, as questões pertinentes a gênero, sexualidade e etnia. Os artistas contemporâneos objetos deste estudo, como Neko Bermudes, Ditto Leite e Chico Castro, criam

⁴ Brasileiros dominam prostituição masculina em Londres. 29 janeiro 2014. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140128_garotos_programa_brasileiros_fl>

diferentes relações com esta estética, promovendo uma nova concepção do homoerótico que foi construído por Alair.

As nudes, os fotógrafos e a internet

As problematizações acerca das questões homossexuais estão efervescentes nos meios sociais na medida em que as questões de gênero se tornam cada vez mais abertas e expostas ao público. A morte de Alair, há 25 anos, é acompanhada pelo início do desenvolvimento da internet para o meio comercial, onde há, nos últimos tempos, uma tônica maior quanto a utilização da rede e o acesso a informação.

Com a popularização da internet, a criação de mecanismos de troca de mensagens, que facilitam o encontro de parceiros para atos sexuais, criaram um terreno virtual homoerótico que explora o corpo de diferentes maneiras, sendo caracterizado pela ressignificação do corpo dentro do contexto da *cruising* virtual. Este corpo, antes reservado ou condicionado a lugares específicos, começa a ser registrado e levado para a rede de maneira crescente, onde cria-se um espaço com a utilização de *webcam* e os bate-papos. Com o passar dos anos e somado a popularização dos *smartphones* com suas câmeras para *selfies*, cujo processo torna-se cada vez mais rápido e abrem espaço para o surgimento dos aplicativos de namoro e de “pegação” gay.

É popularizado então o ato de trocar fotografias explicitamente eróticas através de mensagens em aplicativos e redes sociais, conhecido como “nudes”. A “era das nudes” cria uma nova perspectiva sobre a fotografia do corpo masculino, criando mecanismos que possibilitam uma fotografia amadora, empregando um resquício amador e imediatista na exploração do corpo, com uma divulgação extremamente rápida. São recorrentes, por exemplo, escândalos midiáticos que envolvem famosos e suas fotografias eróticas, sendo um grande alimentador para sites do gênero pornográfico.

Neste processo, surgem novos fotógrafos que se dedicam a fotografar modelos dentro de ensaios que problematizam as questões de gênero, corpo e sexualidade. Estes fotógrafos possuem um papel essencial para a popularização da arte homoerótica masculina na internet, reinventando a nudez e transcendendo o espaço de corpo midiático. Através de plataformas como Instagram, Facebook e Tumblr seus trabalhos ganham admiradores e se popularizam a ponto de constituírem exposições em salões eróticos fora do Brasil.

Para análise deste artigo, destacam-se três destes artistas, que buscam trabalhar com o corpo de diferentes maneiras: Os paulistas Ditto Leite e Chico Castro e o Iguaçuanos Neko Bermudes. Os três possuem como ponto de partida toda a estética do corpo masculino, destrinchando-o em diferentes maneiras.

Ditto Leite, primeiro dos artistas estudados, possui uma página na rede social Instagram denominada Foto_Performance, onde o artista realiza uma performance corporal com o modelo antes deste ser fotografado. Ditto mistura o anônimo ao famoso à medida que retira suas roupas, possibilitando ao corpo novas e diferentes possibilidades, uma vez que o espaço para performances está limitado apenas as poses e não a uma estética geral criada pelo artista. Seu trabalho aproxima-se ao de Alair a medida em que



Fig. 2. Ditto Leite, *ensaio sem nome*, 2014-2017 / Divulgação

os ambientes recriados por ambos permitem ao fotógrafo explorar todas as suas intimidades, conhecendo não apenas o corpo, mas todas as subjetividades do modelo.

Sobremaneira, os arquétipos visuais construídos por um imaginário eurocentralizado, criam um grande elemento para a produção fotográfica atual,



Fig.3. Chico Castro, *ensaio Carne*, 2012 / Divulgação

transformando o trabalho de fotógrafos amadores em um diversificado material que explora questões pertinentes ao gênero e desafiam a estética padrão deste corpo brasileiro. Cita-se o artista Chico Castro, que busca criar uma linguagem visual única em suas obras, convidando o observador a criar diversos questionamentos em cima de sua produção. Seus ensaios *Carne* e *Labirinto do Fauno*, baseados em performances, são verdadeiros encaixes que recriam para o espectador toda a cena, observada por fragmentos e recortes.

As obras de Chico Castro são menos

comerciais, sendo quase tridimensionais a medida que o observador consegue transcende a observação e começa a perceber todos os elementos que constituem suas partes. O erótico pulsante é unido a elementos fortes e perturbadores que, por vezes, se confundem com situações surrealistas e desconstroem o papel do belo no homoerótico. Chico Castro (2012), em seu site, ao discorrer sobre seu trabalho, destaca que

“Não sei dizer ao certo quando começou minha paixão pelo nu. A referência que me vem à mente é meu projeto de conclusão de um curso que fiz em 2013, em São Paulo, que nomeei *Árvore da Vida*. A finalidade era retratar membros da minha própria família, da qual eu não era tão próximo como gostaria. Usei a fotografia deliberadamente como desculpa para uma reaproximação, um resgate. Esse resgate da intimidade fluiu tão bem entre nós que quando me dei conta, minhas tias, algumas com mais de 60 anos, estavam posando seminuas para mim. A partir daí, vim sentindo cada vez mais vontade de pedir aos meus retratados que fossem além da roupa, entrando em um terreno desconhecido mas familiar, movediço, quente, aconchegante. Lembro de pedir a um colega do curso, que é policial, que posasse sem camisa durante um exercício de retratos, e ele o fez. Hoje em dia, em meus projetos autorais, vejo modelos vestidos e sinto estar olhando para uma paisagem com potencial para ser um jardim verdejante, mas encoberta por carros e prédios que atrapalham a visão do que está por trás. Meus projetos não partem de pesquisas metodológicas com objetivos precisos. Possuem apenas começo e meio. Talvez venham de um aglomerado de coisas que vivi, que gostaria de viver ou que tenha vivido mas não lembro. Quando eu olho um trabalho pronto, vejo mais seu processo, o que vivi e aprendi ao realizá-lo e os momentos que vão ficar gravados na minha memória e na das pessoas fotografadas. Deixo o espectador decidir para onde quer ir quando olha minhas imagens, lembrando que só há dois caminhos, Amor ou Dor.” (CASTRO, 2012)

Deste modo, sua obra está ligada intimamente a uma trama de concepções que permitem ao espectador criar juízos e finalizar suas obras, trazendo-o uma aura

particular do artista para a análise do público, que se sente seduzida a admirar e imaginar, de diferentes maneiras, aqueles momentos registrados.

Neko Bermudes, com seu trabalho *HOMORGÍAS*, que é feito em parceria com outros fotógrafos, explora principalmente o papel do corpo negro. Seus estudos são pautados principalmente nas



Fig.4. Neko Bermudes, ensaio *HOMORGÍAS*, 2012-2017 / Divulgação

construções culturais e sociais em cima do corpo negro, cercado de estigmas. O artista busca reviver orgias homossexuais relacionadas as estéticas gregas e que estão intimamente ligadas a natureza, promovendo uma busca pelo conhecimento do corpo do outro e uma exploração do próprio corpo. Suas fotografias registram o prazer de momentos íntimos a dois, três ou mais pessoas, capturando a performance e a disposição corporal neste processo.

É perceptível que o trabalho de Neko constitui uma busca pela representação do homoafeto, aliado a uma homomasculinidade, buscando uma celebração entre as tensões de relacionamento entre a subjetividade e os reflexos do corpo neste processo, fotografados a partir de performances. As reações do corpo são as mais diversas, passando por ereções até a percepção de sensações que seriam apenas registradas ao vivo, como a própria entrega ao prazer.

Estes artistas possuem uma matéria prima infinita, que possibilita ao artista criar novas e diferentes possibilidades a cada novo mês, preenchendo a rede virtual diariamente com fotografias que exalam e celebram o corpo homossexual masculino, construindo uma nova perspectiva sobre a fotografia homoerótica.

À guisa de conclusão

Mesmo com a desvalorização da arte explicitamente denominada homoerótica e a ausência da divulgação extensiva sobre o trabalho de Alair Gomes, é possível destacar o resgate cada vez mais intenso que sua obra está tendo. Seu assassinato, ainda com diversas lacunas a serem preenchidas, não foi apenas o fim da vida de um artista, mas a continuação da fonte de inspiração para diversos artistas na contemporaneidade.

Os trabalhos fotográficos atuais, que estudam essas relações com do corpo com a sexualidade, são cada vez mais profundos e buscam uma desconstrução estética pertinente, uma vez em que a própria estrutura social passou por diversas mudanças. A absorção de questionamentos pertinentes a pautas LGBTQ+.

Se Alair era um *voyeur* por natureza, observando de sua janela e tendo como maior material de trabalho esse olhar distante, os novos fotógrafos transcendem esse espaço e criam uma ruptura com o proibido: os modelos sabem que estão sendo fotografados e exibem seus corpos nus para as lentes.

A internet, utilizada de maneira crescente pela população, possibilita um maior contato entre artistas, modelos e admirados, que se veem representados ou seduzidos a

admirar projetos fotográficos transcendentais ao previsível, trazendo novidades e performances completamente diferentes a cada novo ensaio. Alair foi um pioneiro em seu tempo. Ditto, Chico e Neko são destaques em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rafael. **O homem é desse mundo:** para entender a masculinidade como um processo histórico. *in* Estudos e política do CUs - grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade/ Leandro Colling e Djalma Thurler (organizadores). Salvador. EDUFBA, 2013.

BECEYRO, Raúl. **Ensayos sobre fotografia.** Buenos Aires: Paidós, 2005.

CANCLINI, Nestor G. Consumidores & cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária – uma introdução.** Trad Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca Produções Culturais LTDA, 1999.

CHIODETTO, Eder. **Catálogo da exposição YOUNG MALE: FOTOGRAFIAS DE ALAIR GOMES.** São Paulo, 2013. Disponível em <https://www.casatriangulo.com/media/pdf/Alair_Gomes_casatriangulo.pdf> Acesso em 29 de nov. de 2016

COLI, Jorge. **O corpo da liberdade:** reflexões sobre a pintura do século XIX. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade:** A virilidade em crise? Séculos XX-XI. Petrópolis: Vozes, 2013. (Volume 3). Tradução de: Noéli Correia de Melo Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio.

COOPER, Emmanuel. **Fully exposed:** the male nude in photography. London: Routledge, 1999.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas:** interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FORTUNATO, Fabrício de Souza e CORDEIRO, Manuela Casali. **O jovem Narciso.** In ANAIS do 8º Colóquio de Moda. São Paulo, 2012. Disponível em <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/8-Coloquio-de-Moda_2012/GT03/COMUNICACAO-ORAL/102686_O_jovem_neonarciso.pdf> Acesso em 29 de nov. de 2016

GOMES, Alair de Oliveira. **Reviravoltas na arte do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

GOMES, Aline Ferreira. **A fotografia de Alair Gomes: o fascínio pelo corpo masculino**. Campinas, 2010. Disponível em <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2010/aline_ferreira_gomes.pdf> Acesso em 15 de fev. de 2017

GREINER, Christine e KATZ, Helena. **Por uma teoria corpomídia**. In: O corpo. Pistas para estudos indisciplinados. São Paulo, Annablume, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro, DP&A editora, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

PITOL, André Luís Castilho. **Alair Gomes – fotografias dos anos 1960/1970**. São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/webform/projetos/bolsistas/ALCP.pdf>> Acesso em 15 de fev. de 2017

REYERO, CARLOS. **Aporencia e Identidad Masculina: da la ilustración al decadentismo**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1999

RIO BRANCO, Miguel. **A new sentimental journey**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2009

SANTOS, Alexandre. **A fotografia como escrita pessoal: Alair Gomes e a melancolia do Corpo-outro**. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6270/000527865.pdf?sequence=1>> Acesso em 22 de fev. de 2017